



Pensadora da guerra e “pastora de nuvens”: Cecília Meireles e a Grande Guerra Mundial (Rio de Janeiro, 1930-1933)

DENILSON DE CÁSSIO SILVA¹

Introdução

A comunicação aborda a trajetória da poetisa, cronista e educadora carioca Cecília Meireles, com ênfase nos retratos e autorretratos traçados em torno de sua obra, tendo como chave de investigação sua posição política sobre as questões da guerra e da paz. O objetivo precípuo é problematizar como coexistiam e se relacionavam diferentes perfis da atividade intelectual da escritora, em especial, sua atuação como analista do fenômeno bélico e sua consagrada verve lírica.

O recorte cronológico atende ao período de atuação de Cecília Meireles junto ao periódico carioca “Diário de Notícias”. O espacial, à cidade do Rio de Janeiro, onde a autora nasceu e viveu. No que tange à base teórica, esse texto situa-se no âmbito da renovação da História Política (RÉMOND, 2003) e da História do Político (ROSANVALLON, 2010). O político aqui é entendido como um campo, “o lugar em que se entrelaçam os múltiplos fios da vida dos homens e mulheres; aquilo que confere um quadro geral a seus discursos e ações”, remetendo “à existência de uma ‘sociedade’ que, aos olhos de seus partícipes, aparece como um todo dotado de sentido” (ROSANVALLON, 2010: 71). Além de um “campo”, é também um “trabalho”, que

qualifica o processo pelo qual um agrupamento humano, que em si não passa de mera ‘população’, adquire progressivamente as características de uma verdadeira comunidade. Ela se constitui graças ao processo sempre conflituoso de elaboração de regras explícitas ou implícitas acerca do participável e do compartilhável, que dão forma à vida da *polis*. (ROSANVALLON, 2010: 71-72).

Inserida em tal domínio, a presente comunicação afunila seu interesse junto à história dos intelectuais e à história intelectual, levando em conta, respectivamente, as ideias elaboradas, discutidas em público e ressignificadas, e os laços de sociabilidade estabelecidos entre “os criadores e os ‘mediadores’ culturais, [...] tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito” (SIRINELLI, 2003: 242). Sociabilidade, aqui, concebida “como um conjunto de formas de conviver com os pares, como um ‘domínio intermediário’ entre a família e a comunidade cívica obrigatória”, cujas redes formam “um

¹Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET MG), *campus* I, unidade Belo Horizonte. Doutorando em História e Culturas Políticas junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

‘grupo permanente ou temporário, qualquer que seja seu grau de institucionalização, no qual se escolha participar’” (GOMES, 1993: 64).

As principais fontes adotadas são crônicas publicadas no jornal “Diário de Notícias”, no qual Cecília Meireles mantinha uma “Página de Educação”, composta por reportagens, notícias, entrevistas, artigos e uma coluna permanente, intitulada “Comentário”, assinada pela autora. O conceito de “educação”, nesse suporte, mostrava-se amplo e multifacetado, englobando pautas intra e extraescolares, incluindo-se, por exemplo, tanto a formação docente e o protagonismo discente, à guisa escolanovista, quanto a literatura, o cinema, a política interna, a paz e a guerra. Em razão dessas características, as crônicas mostraram-se propícias para o embasamento empírico da investigação proposta.

A metodologia adotada constituiu-se de uma revisão bibliográfica, identificando-se algumas das principais tendências interpretativas sobre a obra ceciliana. Na sequência foram escolhidos 30 textos para a efetivação de uma análise qualitativa, a partir de uma seleção prévia, feita por Leogedário A. de Azevedo Filho, reunida no quarto volume das “Crônicas de educação” (MEIRELES, 2001 a). Após a leitura integral desses escritos foi elaborado um quadro no intuito de tornar mais clara a demonstração das ideias e das estratégias de Cecília Meireles ao ocupar um espaço de fala e tomar posição diante das vicissitudes de seu tempo.

Em um primeiro momento, a comunicação abarcará as características da guerra e da paz ressaltadas pela autora. A seguir, passar-se-á à análise de retratos e autorretratos sobre a obra da mesma.

Guerra e paz em Cecília Meireles

Nascida no Rio de Janeiro, em 07 de novembro de 1901, Cecília Benevides de Carvalho Meireles frequentou a Escola Normal do Distrito Federal de 1911 a 1917, ano em que foi diplomada professora (LÔBO, 2010). Parte importante de seu período de formação escolar-acadêmica, pois, ocorreu durante os anos da Grande Guerra, quando então os jornais do Rio de Janeiro relatavam e discutiam diariamente os rumos desse conflito. Os efeitos de tal guerra na América Latina, em especial, no Brasil e no Rio de Janeiro, foram marcantes e impactaram a economia, a política e as concepções culturais, que passaram em revista o ideal europeu de civilização (COMPAGNON, 2014; OLIVEIRA, 1980).

No decorrer da década de 1920, diversos debates e iniciativas vieram à baila para interpretar a nova ordem internacional, tributária dos tratados de 1919. Nessa direção, vale

ressaltar as iniciativas para erigir uma paz possível e evitar novas guerras, a exemplo da criação da Liga das Nações, em 1919, da Comissão Internacional de Cooperação Intelectual, reunida em 1922, dos Acordos de Locarno, assinados em 1925, e dos Cursos Universitários de Davos, realizados nos anos de 1928 a 1931 (EINSTEIN, 2016; HOBBSAWM, 1995; PEDERSEN, 2015). O Brasil, ao mesmo tempo em que testemunhava várias agitações políticas, sociais e culturais internas, participava ativamente desse panorama internacional (DORATIOTO, 2012; RESENDE, 2013).

Cecília Meireles integrava tal mundo e interagiu com as questões públicas mais prementes de seu tempo. Casou-se e constituiu família, lançou livros, exerceu o magistério, compôs círculos intelectuais - como, por exemplo, em torno da revista “Festa” - participou de concurso público para a cátedra de literatura vernácula da Escola Normal do Distrito Federal e, em junho de 1930, passou a dirigir a “Página de Educação”, do “Diário de Notícias”. Um dos proprietários e diretores desse periódico, Nóbrega da Cunha, era amigo particular de Cecília Meireles e de Fernando Correia Dias, seu marido, vindo a se tornar padrinho de uma das filhas do casal (LÔBO, 2010). Esse fato é um indício das possibilidades intelectuais e sociais vividas pela autora, que confluíram para a presença de uma mulher no meio público e jornalístico, ainda deveras masculinizado.

Valendo-se desse suporte, Cecília Meireles mostrou-se atenta àquilo que ela definiu, em abril de 1932, como “o mais grave problema do mundo” (MEIRELES, 2001 a, p. 258), ou seja, o fim do fenômeno da guerra e a construção de determinada paz. O quadro, abaixo, permite visualizar algumas das principais intervenções da autora.

Quadro 1 – Características gerais das crônicas cecilianas sobre guerra e paz (1931-1933)
Diário de Notícias - RJ

Data	Título	Expressões
12/06/1931	Uma página de Remarque	“inferno da guerra”; “crimes contra a liberdade de espírito”; “o conceito de professor”; “sinistros tempos”; “novos prenúncios de carnificina”.
23/12/1931	Natal	“a paz não é uma conquista fácil”; “uma guerra latente”; “sugestões sanguinárias”; “almas românticas”; “crueldade inconsciente”.
06/01/1932	Gandhi	“ideal de educação humana”; “herói sem armas”; “coragem de resistir”; “graves momentos do passado”.
10/01/1932	O brinquedo da	“imitações dos mais modernos aparelhos técnicos de guerra”; “o mal da guerra vindo de longe”; “visão de

	guerra	Wells”.
13/01/1932	Desarmamento	“É o espírito que precisa se desarmar, antes da mão”; “vida humana”; “sombra dos tempos”; “sonho pacifista”.
15/01/1932	Uma questão de solidariedade	“grande catástrofe internacional”; “anulação dos sonhos pacifistas”; “prova dessa solidariedade”; “lembranças trágicas da guerra”.
24/01/1932	Desarmamento...	“tão cheia de problemas complexos”; “sonho de paz”; “fermento de nova guerra”; “prólogo de uma tragédia”; “pensamento pacifista”; “ideias chauvinistas”; “cooperação internacional”.
03/02/1932	A desilusão da mocidade	“guerra sino-japonesa”; “fim da grande guerra”; “clamor unânime contra a destruição e a morte”; “escuras ameaças”; “moços desiludidos”; “campos sem glória da morte”.
12/02/1932	O recurso extremo...	“capacidade pacifista”; “tragédias do passado”; “a Grande Guerra”; “caminhos para a certeza da paz”; “nova Educação”; a guerra pensada como “uma questão técnica” ou “como um problema humano?”
26/02/1932	Dois poemas chineses	“melancolia de um poema do século oitavo...”; “subir para montanha nenhuma”; “tempo da grade paz”; “do troar dos canhões ao cair dos corpos”.
08/04/1932	Cruzada da juventude	“força da mocidade”; “direito de falar”; “inquietação do melhor”; “problemas que interessam à humanidade”; “mais grave problema do mundo”.
01/05/1932	O destino das esperanças	“a esperança da paz”; “tempos bem extraordinários”; “a última guerra”; “lembrança da decadência”; “estado de esquecimento: um estado de fadiga e talvez de desorientação”.
29/06/1932	Cartas de estudantes mortos na guerra	“sugestivas considerações sobre a paz”; “visão trágica da guerra”; “cenas atroz de Remarque”; “adoração patriótica”; “preconceito cívico”; “fanatismo da nacionalidade”; “ação educativa”; “mocidade crédula”.
02/07/1932	Cartas de estudantes alemães mortos na guerra [I]	“na alma destes soldados-meninos, o grande conflito moral”;
03/07/1932	Cartas de estudantes alemães mortos na guerra [II]	“compreender e aceitar a morte; mas sem estar de acordo com ela”; “degrado para os campos sangrentos”.

05/07/1932	Cartas de estudantes alemães mortos na guerra [III]	“alimentados de ideias violentas”; “depois do horror do espetáculo, o primeiro grito desses moços de vinte anos é pela paz”.
21/07/1932	Pró-paz...	“A paz não se decide: constrói-se”; “redução qualitativa e quantitativa do material bélico”; “interesses pacifistas”; “a orientação educacional”, a formação humana, o desarmamento do espírito”.
29/07/1932	À hora do fogo	“mais pavoroso dos massacres”; “guerra civil”; “Grande Guerra”; Nova Educação”.
03/08/1932	Paz	“Grande Guerra”; “enorme cemitério”; “grande catástrofe”; “forças de ódio que levam a antagonismos”; “educador verdadeiro”; “um pacifista arrebatado por essa inquietação”.
06/08/1932	Mussolini e a paz	“última catástrofe”; “anunciação trágica de próximas catástrofes maiores e mais terríveis”; “mensagens das crianças francesas”.
09/08/1932	Continuação de Mussolini e a paz	“grande guerra”; “loucura dos ambiciosos”; “fanáticos do poder”; “cultores da força brutal”; “adoradores dos sanguinários triunfos”; “o luto de todas as outras guerras, de todas as incompreensões de cada dia”.
10/08/1932	Brinquedos...	“uma pacificação da natureza combativa”; “uma renúncia às conquistas de força e às explosões de rancor”; “redução de armamentos”; “desarmamento do espírito”.
11/08/1932	A paz pela educação	“compromisso duradouro de paz”; “o preço das guerras”; “longa marcha da humanidade”; “espíritos universais, que sentem sua pátria no mundo todo”; “obra educacional”.
27/08/1932	Notas de um caderno de guerra	“soldado ocasional”; “criatura humana escravizada a uma técnica”; “a liberdade humana é substituída por uma imposição”; “trincheiras sombrias”.
30/08/1932	Os educadores e a paz	“luta de brasileiros”; “deviam ser os educadores os primeiros a pedirem paz”; “nova esperança”; “horas sombrias”; “momento de apreensões e de sonhos”.
29/10/1932	Para acabar com a guerra	“moços sem nenhuma vocação para o massacre”; “resolver a questão entre os chefes ofendidos, sem sacrifícios de vidas alheias a esses interesses”; “morticínio de inocentes”.
03/11/1932	Esse fantasma da guerra	“a Grande Guerra”; “fantasias de heroísmo e de conquista”; “trágico mar de imperialismo”; “testemunho

		do massacre”; “transações com a morte”; “profissão do crime”; “pobre voz humana”; “lamentável covardia”; “veneno do patriotismo”; “sangrento culto”; “macabro fantasma”.
08/11/1932	Os químicos e a paz	“sonhos de pacifismo e de beleza”; “grande trama complexa em que todas as vidas cooperam”; “desprendem-se da atividade da guerra”; “criminosa atividade”;
17/12/1932	A escola e a obra da paz	“momento de tamanhas apreensões”; “última catástrofe”; “feição pacifista da educação nacional”; “cooperação internacional”; “visão nova de história e de geografia”; “intercâmbio universitário e escolar”.
12/01/1933	Despedida	“construção de um mundo melhor”; “formação mais adequada que o habita”; “O passado não é assim tão passado porque dele nasce o presente com que se faz o futuro”.

Fonte: MEIRELES, Cecília. **Crônicas de educação**. Apresentação e planejamento editorial de Leogedário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 215-322. Vol. 4.

Em geral, Cecília Meireles empregou títulos curtos e objetivos em suas crônicas, com exceção dos textos sobre “cartas de estudantes alemães mortos na guerra”. Muitos deles tentaram explicitar o problema a ser tratado, a exemplo de “Cartas de estudantes mortos na guerra”, “O brinquedo da guerra”, “Desarmamento”, “Pró-paz”, “Paz”, “Notas de um caderno de guerra”, “Os educadores e a paz”, “Para acabar com a guerra”, “O fantasma da guerra”, “Os químicos e a paz”, “A escola e a obra da paz” e “Despedida”. Nesse último texto, por exemplo, Cecília realizou um balanço de sua atuação frente à Página da Educação e se despediu de seus leitores.

Outros títulos poderiam ser mais genéricos, sutis no que concerne à revelação do conteúdo específico abordado. Nessa categoria podem se encontrar “Natal”, “Uma questão de solidariedade”, “A desilusão da mocidade”, “O recurso extremo...”, “Dois poemas chineses”, “O destino das esperanças”, “À hora do fogo” e “Brinquedos”. Outros ainda apresentaram nomes próprios, como “Uma página de Remarque”, “Gandhi” e “Mussolini e a paz”. Esses títulos, como veremos, revelavam contornos da tendência política de Cecília Meireles frente aos processos da guerra e da paz.

Foi possível aferir que os problemas abarcados poderiam ser estendidos para mais de um artigo, seja indicando o termo “continuação”, como “Continuação de Mussolini e a paz”, seja tornando semelhantes os títulos como “Desarmamento” e “Desarmamento...”; “Cartas de

estudantes mortos na guerra” e “Cartas de estudantes alemães mortos na guerra”, “O brinquedo da guerra” e “Brinquedos...”; “Pró-paz” e “Paz”; “A paz pela educação” e “A escola e a obra da paz”. Esse transbordamento relacionava-se ao interesse da autora em discutir de forma mais detida aqueles temas e/ou acontecimentos e também ao fato de que o tamanho da coluna “Comentários” era limitado, seguindo uma extensão padronizada, que, se por um lado, amplificava a inserção da fala de Cecília Meireles na esfera pública, por outro, também desafiava seu exercício de síntese.

Quanto ao campo “Expressões”, é possível visualizar algumas das imagens evocadas por Cecília Meireles. A partir de uma primeira apreciação da conjugação desses vocábulos, o quadro 2 permite delinear de forma mais clara as características das ideias e das estratégias argumentativas elaboradas.

Quadro 2 – Vocábulos empregados para analisar o processo histórico da guerra, (1931-1933) – Diário de Notícias - RJ

Verbos	Substantivos		Adjetivos	
Cantando	Abismo	Heroísmo	Amarga	Lamentável
Desejam	Adoração	Humanidade -	Antiga	Latente
Envolver	Ameaças	Homens	Atrozes	Macabro
Experimentaram	Antagonismos	Horror	Bárbaros	Memorável
Foram	Aprensões	Ilusão	Bélico	Militares
Irrompa	Armas	Ideias	Brutal	Monstruosa
Marchando	Atrocidade	Imposição	Chauvinistas	Moral
Pensada	Automatismo	Inferno	Combativa	Precários
Precipitar	Aventura	Juventude	Cruéis	Retrógradas
Queremos	Barbaridade	Loucura	Devastadora	Romanceadas
Recordada	Calamidade	Mal	Doloroso	- Românticas
Recusem	Carnificina	Mentira	Enlouquecidas	Sangrentos -
Sabia	Catástrofe	Morte	Escuras	Sanguinárias
Sofre	Ceticismos	Massacre	Estéril	Sinistros
Viver	Covardias	Obscuridade	Exaustos	Sombria -
	Conflito	Ódio	Falsa	Sombrios
	Crime	Partidários	Fanáticos	Surdos
	Crueldade	Pátria -	Grave	Trágica
	Culto	Patriotismo	Horível	Triste
	Decadência	Perigo	Humano	
	Degredo	Pessimismos	Infernal	
		Poder		

	Desamparo Desânimos Desgraça Desilusão Desorientação Devastação Educação Erros Espírito Esquecimento Exaltação Fanatismo Força Fraqueza Glória Guerra	Precariedade Preconceito Professores Rancor Sacrifício Sangue Sentimentos Sofrimento Sombras Submissão Tempos Tragédia Vaidade Veneno Vergonha Violência	Internacional	
--	--	---	---------------	--

Fonte: MEIRELES, Cecília. **Crônicas de educação**. Apresentação e planejamento editorial de Leogedário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 215-322. Vol. 4.

Sem pretender esgotar a análise dessas informações – tarefa que escapa às proporções dessa comunicação e pertence à alçada de uma pesquisa mais ampla, em andamento² - cabe assinalar que parte significativa das classes de palavras utilizadas e combinadas por Cecília Meireles endossava um discurso de repúdio à guerra. As ações verbalizadas, as denominações de seres e de coisas, e as qualidades enfatizadas, endossavam um esforço de compreensão e um discurso inflexível de oposição a quaisquer feitos dos conflitos bélicos e dos enleios belicistas.

Avaliação diametralmente oposta foi feita em relação à ideia de “paz”, concebida como um processo necessário, positivo e em construção, conforme sinalizado abaixo.

Quadro 3 – Vocábulo empregados para analisar o processo histórico da paz (1931-1933) – Diário de Notícias – RJ

Verbos	Substantivos		Adjetivos
Cooperam	Ação	Inteligência	Amistoso

² Trata-se da pesquisa de doutorado, que desenvolvo junto ao PPGH UFMG sob orientação do Profº Douglas Atila Marcelino.

Constrói	Alma	Intercâmbio	Comum
Decide	Adolescente	Juventude	Duradouro
Desarmar	Ambições	Lembrança	Educacional
Desejam	Amizade	Liberdade	Frágil
Falar	Amor	Memória	Fraternal
Harmonizar	Argumentos	Mocidade	Futura - Futuras - Futuro
Humanizar	Camaradagem	Mundo	Harmonioso
Interessam	Compreensão	Obra	Humana - Humanidade -
Querer	Compromisso	Pacificação - Pacifismo	Humano
Pacifiquem	Condição	Paixão	Idealista
Pedindo	Confraternização	Paz	Intelectual
Proteste	– Fraternidade –	Pensamento	Internacional
Realizar	Fraternização	Povos	Justo
Resiste	Conquista	Protesto	Maternal
Sentir	Convívio	Realidade	Mundial
Sonhar	Cooperação	Reconstrução	Mútuo
	Criança	Renovação	Novas - Novo - Novos
	Desarmamento	Renúncia	Pacifista
	Destino	Resistência	Unidos
	Educação	Respeito	Universais
	Esforço	Responsabilidade	
	Esperança -	Rumores	
	Esperanças	Sabedoria	
	Espírito -	Sacrifício	
	Espíritos	Sentimentos	
	Formação	Serenidade	
	Gerações	Solidariedade	
	Herói	Sonhos	
	Humanidade -	Tentativa	
	Homens	Verdade	
	Ideal - Idealismo	Vida	
	- Idealização	Virtude	
	Infância	Vontade	
	Inocência	Unidade	
	Inquietação -		
	Inquietude		

Fonte: MEIRELES, Cecília. **Crônicas de educação**. Apresentação e planejamento editorial de Leogedário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 215-322. Vol. 4.

A comparação entre os dados expostos nos quadros 2 e 3 evidencia um contraste entre as características da guerra e da paz, com a primeira sendo rejeitada e a segunda, defendida. Em ambas as análises, Cecília Meireles exerceu um esforço de entendimento racional, valendo-se, igualmente, de uma tomada de posição ético-moral, inerente à sua visão de mundo. Em mais de um momento, Cecília Meireles valeu-se de termos antitéticos assimétricos (KOSELLECK, 2006; SCHMITT, 2015), revigorando seu discurso e sua atuação política, ligada ao pacifismo ativo (SILVA, 2017).

Esse pacifismo, distintamente do passivo, segundo Norberto Bobbio, é caracterizado por “uma tomada de posição que engaja pessoalmente, como toda tomada de posição moral, aquele que o assume.” (BOBBIO, 2003: 75). Tal pacifismo busca resolver o problema central da “eliminação da guerra e [da] instauração de uma paz perpétua”, movendo-se em três direções, a saber: “agindo sobre os *meios* ou sobre as *instituições* ou sobre os *homens*” (Idem, p. 97). Respectivamente, ter-se-ia um *pacifismo instrumental*, voltado para os meios de se evitar a guerra, como o desarmamento e o uso da não violência; um *pacifismo institucional*, relativo às tensões entre a autoridade do Estado e o estabelecimento da paz mediante a criação e a atuação de organizações supranacionais ou mediante revoluções sociais; e o *pacifismo finalista*, ligado à reforma ético-moral do ser humano, à criação de uma disposição para a convivência pacífica, mediante uma pedagogia centrada na tolerância e no diálogo.

As crônicas cecilianas, ora analisadas, indicam que esses diferentes realces do pacifismo encontravam-se interligados na ação da autora em demarcar lugar na cena pública, criticar as justificações da guerra e defender meios, instituições e finalidades em prol da paz.

Escamoteando um pacifismo passivo e/ou fatalista, Cecília Meireles revestiu-se de um pacifismo ativo, caracterizado pela convicção de que a paz deveria ser resultado de uma constante luta para se dirimir diferenças sem apelar para as armas e se fortalecer laços de cooperação. Sob esse ângulo, a autora estava próxima do idealismo crítico, que apostava na transformação do ser humano, mas não se furtava a encarar a realidade tal como se apresentava. A base argumentativa empregada pela autora apresentou convergência com o pensamento kantiano sobre paz e cosmopolitismo, manifestando a crença de que, a partir do uso da razão, as pessoas poderiam construir outra história, refratária às injunções da guerra.

Retratos e auto-retratos

Em importantes estudos sobre a obra e a trajetória de Cecília Meireles, o vislumbre de traços pacifistas e engajados tem causado surpresa ao se contrapor, hipoteticamente, com a imagem de uma poetisa espirituosa, de preocupações universalistas e transcendentais (LAMEGO, 1996; ALVES, 2012). Mesmo o pacifismo tem sido visto, predominantemente, sob o crisol da mística oriental indiana (OLIVEIRA, 2014) e a inquietação com a guerra, mediante a dessemelhança com o lirismo (MOURA, 2016). Tais análises trazem em seu bojo um viés interpretativo coetâneo de Cecília Meireles e de críticos literários, que conviveram e/ou sucederam a autora.

Em 1945, Manuel Bandeira compôs o poema “Improviso”, no qual escrevia: “Cecília, és libérrima e exata [...]. Cecília, és como o ar, diáfana, diáfana” (BANDEIRA, 2014:33). Carlos Drummond de Andrade, por ocasião do falecimento da poetisa, a definia como “ser encantado e encantador” (DRUMMOND, 1964:4). Mesmo dentre aqueles que se opunham à estética ceciliana, como Oswald de Andrade, destacavam esse suposto afastamento dos problemas do mundo: “Com sua celebridade madura, continua a fazer o mesmo verso arrumadinho, neutro e bem cantado, com fitinhas, ou melhor, com fitilhos e bordados. Sem dizer nada, sem transmitir nada. Mesmo sem sentir nada. [...]” (ANDRADE, 1952: 553).

Mais tarde, José Paulo Paes apresentaria o território poético de Cecília Meireles como “uma região de terras altas, mais perto das nuvens do que da cidade dos homens lá embaixo.” E completaria: “O silêncio e a solidão de suas alturas convida naturalmente ao solilóquio lírico, e o ar diáfano que ali se respira como que impõe a cristalinidade de linguagem [...]” (PAES, 1997: 35). De certa forma, a própria Cecília Meireles acenava para a formação dessa identificação, atuante em seu processo de reconhecimento. Em 1938, publicou o poema “Destino” em que se autodefinia: “Pastora de nuvens, fui posta a serviço / por uma campina desamparada / que não principia e também não termina / onde nunca é noite e nunca madrugada” (MEIRELES, 2001: 292).

Ressaltadas por estudiosos e pela autora, essas características precisam ser consideradas com atenção. A proposta de reavaliar tais interpretações não consiste em negar sua validade ou importância. Pelo contrário, trata-se de redimensionar os significados de tais percepções, apontando sua abrangência e suas limitações e, portanto, enriquecendo-as. Desse modo, busca-se apreender como os possíveis perfis de “pensadora da guerra” e de “pastora de

nuvens” conviviam e estabeleciam laços de interdependência, ora mais ora menos (in) congruentes entre si.

Para além de um enquadramento ou de uma demarcação cerrada entre a poesia espiritualizada, de traço simbolista-universalista, e o escrito atrelado à concretude do cotidiano, Darcy Damasceno observa:

Registro do mundo circundante, a crônica de Cecília Meireles é também uma projeção de sua alma no universo das coisas. Alimenta-se da referencialidade, das coisas concretas, de fatos e situações que envolvem o ser humano em seu comércio diário, mas matiza subjetivamente tudo isso (DAMASCENO, 1976:10).

De modo análogo, Leogedário A. de Azevedo Filho pontua que Cecília

[...] afasta-se do espírito de reportagem, conferindo alto valor literário às suas crônicas, sempre perplexa diante do espetáculo da vida, dos seres e das coisas, mas também revoltada, às vezes, contra o desconcerto do mundo e as injustiças sociais. (FILHO, 1998: X-XI)

A presente comunicação, pois, visa romper com um possível dualismo entre as imagens da intelectual despolitizada e da intelectual engajada, entre a poesia e a crônica, entre a representação da “montanha” e a do “mundo dos homens”. Ao invés de oscilar do estudo do lirismo desapegado para o da militância humanística, esse trabalho intenta questionar as ambiguidades e o dinamismo que integravam o processo de formação e de transformação de uma intelectual multifacetada. Tal tarefa será ampliada e aprofundada no decorrer da pesquisa, restando aqui a conclusão de que os problemas da guerra e da paz foram partes cruciais da atuação política, ética e estética de Cecília Meireles ante os desafios de seu tempo.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond. Imagens para sempre. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 11 nov. 1964, p.4. In: LÔBO, Yolanda. **Cecília Meireles**. Recife: Fund. Joaquim Nabuco, 2010, p.72-74.

ANDRADE, Oswald. Voto a descoberto. Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro. 10 dez. 1952. In: _____ **Telefonema**. São Paulo: Globo, 2007, p. 553-554.

ALVES, Daniela Utescher. **A crônica de Cecília Meireles: uma viagem pela ponte de vidro do arco-íris**. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, São Paulo, 2012.

BANDEIRA, Manuel. Improviso. In: _____ **Belo belo**. São Paulo: Global, 2014.

BOBBIO, Norberto. **O problema da guerra e as vias da paz**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

COMPAGON, Olivier. **O adeus à Europa: A América Latina e Grande Guerra (Argentina e Brasil, 1914-1939)**. Tradução Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.

DAMASCENO, Darcy. Poesia do sensível e do imaginário. Notícia biográfica. Bibliografia In: MEIRELES, Cecília. **Flor de poemas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972, p. 9-57.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DORATIOTO, Francisco. O Brasil no mundo: idealismos, novos paradigmas e voluntarismo. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (coord.). **História do Brasil-Nação (1808-2010): a abertura para o mundo (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2012, p. 133-171. Vol. 3.

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Tradução H. P. de Almeida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FILHO, Leogedário A. de Azevedo. Apresentação. In: MEIRELES, Cecília. **Crônicas em geral**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. IX-XIII.

GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio... Intelectuais cariocas e o modernismo. **Revista Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 62-77.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma P. Maas; Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LAMEGO, Valéria. **A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LÔBO, Yolanda. **Cecília Meireles**. Recife: Fund. Joaquim Nabuco, 2010.

MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v. 1 e 2.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de educação**. Apresentação e planejamento editorial de Leogedário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 a.

MOURA, Murilo Marcondes de. **O mundo sitiado: a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ed. 34, 2016.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (cood.). **Elite intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada da Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.

OLIVEIRA, Gisele Pereira de. **Cecília Meireles e a Índia**: das provisórias arquiteturas ao “êxtase longo de ilusão nenhuma”. 233 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, São Paulo, 2014.

PAES, José Paulo. Poesia nas alturas. In: _____ **Os perigos da poesia**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p. 35-36.

PEDERSEN, Susan. **The guardians**: the league of nations and the crisis of empire. New York: Oxford University Press, 2015.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RESENDE, José Armando Zema de. **A cooperação intelectual internacional da Sociedade das Nações e o Brasil (1922-1938)**: dinâmicas de um processo. 146 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em História, Brasília, 2013.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. Tradução Christian Edward Cyril Lynch. São Paulo: Alameda, 2010.

RUSSEL, Bertrand. **Por que os homens vão à guerra**. Tradução Renato Prelorentzou. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SCHMITT, Carl. **O conceito do político**. Tradução, introdução e notas de Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Edições 70, 2015.

SILVA, Denilson de Cássio. Entre jornais e guerras: perspectivas políticas de Cecília Meireles (Rio de Janeiro, 1930-1945). **Anais Eletrônicos do VI EPHIS Encontro de Pesquisa em História da Universidade Federal de Minas Gerais** Belo Horizonte, MG: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 08 a 12 de maio de 2017. (No prelo)

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial**. Trad. Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Contexto, 2015.

